

THALES: PALAVRAS DE HORIZONTES MÚLTIPLOS*

Anete Brito Leal Ivo**

Sem dúvida alguma, o Prof. Thales de Azevedo, que acaba de nos deixar, não foi apenas um intelectual baiano. Homem de inteligência privilegiada, de extensa cultura e rigorosa disciplina acadêmica, foi uma das sensibilidades mais requintadas que a Bahia produziu neste século. A excelência do seu trabalho, o caráter inaugural e original dos seus estudos sobre processos de aculturação e mudanças sociais, a natureza paradigmática de suas reflexões sobre desigualdades raciais, sobre a família e sobre o catolicismo; a sua intensa interlocução e presença em centros universitários, nos EUA, e na Europa, facultaram ao nosso professor a universalidade do seu trabalho. Esta despedida tem, portanto, sentido de plenitude, vida vivida, tempo consumido e consumado, que encontra na sua obra a permanência, e funda, na sua palavra, a vitória da vida. O reverso da partida é, então, reencontro. História de sentimento, das experiências vividas por cada um de nós. Em minha memória o tempo correndo aberto, mostrando-se largo: vejo Dr. Thales, presença digna, ativa, de elegância e pontualidade inglesas, com seu terno branco e sua tradicional gravata-borboleta vermelha, escrevendo, revelando, ensinando as sutilezas da nossa cultura e do nosso cotidiano. Médico de formação, professor de Antropologia da Faculdade de Filosofia da Universidade da Bahia e de Pesquisa Social da Escola de Serviço Social, desde 1943, pesquisador e jornalista desde os anos 20, o professor fez do seu trabalho de observação e criação o seu modo de existência. Esta, uma das mais belas dimensões de sua vida: a sua extraordinária capacidade de renovar-se. Ele foi sempre atento e alegre em seu trabalho intelectual. E fez deste o patamar da sua interlocução e a medida do seu afeto: valorizava cada manifestação criadora e garantia, com sua presença e observações construtivas, a solenidade e distinção do encontro acadêmico, mesmo com os mais jovens. Aqui encontrei o

* Texto originalmente publicado com o título "Palavras de Horizontes Múltiplos". **A Tarde Cultural**, em 16.09.96.

** Professora Adjunta do Departamento de Sociologia da UFBA (1971-1992). É Pesquisadora Associada do CREDAL/CNRS (Laboratório Associado ao IHESE - Univ. Paris III) e do CRH-UFBA e Editora do CADERNO CRH.

melhor exemplo e dele retirei a coragem necessária para aceitar, não sem vacilações, em comparecer com este relato. Não pretendo traçar uma retrospectiva de sua obra, tarefa que requer tempo e cuidado. O meu registro é testemunho, individualização de uma experiência, ainda pouco organizada, mas de múltiplas dimensões, que marca um encontro de mais de 30 anos da minha geração com o Mestre Thales.

Inciei meu aprendizado acadêmico como sua auxiliar de pesquisa, em 1965, escolhida após cursar Antropologia, no 2º ano do Curso de Ciências Sociais, da então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. A essas experiências, como aluna e orientanda, seguiu-se uma ativa convivência no embate, nem sempre fácil, da política institucional universitária, durante o tumultuado período de 64 a 67. Ele, então diretor da faculdade; eu, membro do Centro de Estudos de Ciências Sociais e representante estudantil no então Departamento de Ciências Sociais (1966-67).

Como professor, o Dr. Thales notabilizava-se pelo brilhantismo de suas aulas, pelo aporte amadurecido e crítico de ampla literatura antropológica que utilizava, de caráter internacional e nacional. Suas aulas-conferência eram aulas magnas, densas; rigorosa e diuturnamente cumpridas em regime intensivo de estudo. Iniciava o curso de Antropologia com uma longa e extensa apresentação de crítica bibliográfica à qual seguia-se o estudo da Antropologia Física (origem da evolução do homem), para só então incursionar na temática mais específica da Antropologia Social, referida a aspectos da formação da cultura popular, das tradições étnicas, dos processos de aculturação e assimilação cultural. Dessas experiências, ficaram três registros: o primeiro, a sua capacidade de fazer o percurso sutil entre as ciências da natureza e as ciências sociais, tanto nos estudos sobre a evolução do homem, quanto na superação das teses naturalistas sobre a desigualdade racial; o segundo, a sua simultânea condição de estudioso e professor, relator e autor da disciplina que ministrava, legando-nos a mais verdadeira e sólida experiência acadêmica, pelos nexos que estabelecia entre teoria e investigação empírica, fundando a melhor tradição da prática intelectual; o terceiro, sua dimensão humanista-cristã relativa à evolução do homem, sem a perda do rigor científico de suas reflexões. Neste particular, lembro-me das suas discussões sobre as teorias de Teilhard de Chardin.

Asua inextinguível curiosidade intelectual permitiu a elaboração de vasta produção científica, no âmbito da melhor historiografia e da cuidadosa e relevante análise dos processos de mudança social. A excelência de sua obra é atestada pelas sucessivas reedições de seus livros e os numerosos prêmios de que foi merecedor, cujo registro mais completo é objeto de recente publicação realizada por sua filha e aluna, Maria David de Azevedo Brandão, **Thales de Azevedo: Dados de uma Assinatura, 1993.**

Infatigável observador de cenas e flagrantes do cotidiano, Dr. Thales fez de sua histórica presença nos jornais de Salvador condição de possibilidades renovadas do seu pensamento, contemporâneo aos problemas de nossa sociedade e cultura, deixando-nos uma extraordinária produção de crônicas e ensaios que se perpetuaram até o seu último momento.

Aele devemos um grande acervo de iniciativas fundamentais à formação sistemática das Ciências Sociais na Bahia: criou e dirigiu o Instituto de Ciências Sociais (1961-64), projetada pela Prof^a Maria Brandão, de reconhecido papel na formação de uma geração de brilhantes cientistas sociais, o qual foi fechado em 1967, como reflexo do processo de burocratização e amesquinamento político que atingiu as universidades; aglutinou e atraiu para a Universidade nomes ilustres da comunidade científica internacional; consolidou um acervo bibliográfico especializado em ciências sociais, permitindo a formação mais universal e completa das novas gerações. Frente ao quadro de repressão cultural e política que se instaurou no País em 1964, Dr. Thales, então diretor da Faculdade de Filosofia, emprestou à instituição universitária sua respeitabilidade e sua autoridade moral, reagindo com dignidade e firmeza na defesa da autonomia universitária, atuando na renovação de quadros docentes e aceitando os desafios contestadores da juventude universitária. Nesse contexto, e logo no primeiro ano de sua gestão à frente da Faculdade de Filosofia (set. 1964) acolheu e manteve nos quadros do Curso de Ciências Sociais, um pensamento renovador e crítico de esquerda, com a incorporação de jovens professores, originários de outros centros acadêmicos (os Profs. Klaas Woortman; Prof. Perseu Abramo e o Prof. István Jancsó, com formações disciplinares nas áreas de Antropologia, Sociologia e História Social). Nobre gesto que reconhecia no tecido vivo das contradições uma possibilidade dos indivíduos se procurarem e se complementarem como condição livre da criação e da dignidade acadêmica. Estes professores, juntamente com outros jovens não menos brilhantes intelectuais baianos, deixaram uma contribuição decisiva na formação de sucessivas gerações de pesquisadores, institucionalizando grupos de pesquisa nas áreas da sociologia do desenvolvimento e do trabalho; dos estudos sobre família e sobre o campesinato; da história da industrialização e do operariado baiano, assentando as bases institucionais de formação das ciências sociais na Bahia.

Como diretor, foi intransigente no respeito à ordem e à autoridade, mas exerceu com nobreza e dignidade a convivência democrática com alunos e professores. Manteve contínuo diálogo com os estudantes, mesmo com discordâncias e tensões, permitindo, no âmbito da Faculdade de Filosofia, viva mobilização de protesto contra a política cultural repressiva. Desse período registramos algumas iniciativas estudantis: a realização das Semanas do Sociólogo; a discussão e o debate sobre a reforma universitária e sobre a intervenção na Universidade de Brasília; a visita do Prof. Fernando Henrique Cardoso, então sociólogo de autoridade internacional, autor da teoria da dependência, paradigma fundamental à compreensão da histori-

cidade brasileira, à época. São também desse período os primeiros esforços de formação da Associação de Sociólogos do Estado da Bahia - ASEB - e de constituição da Associação dos Professores Universitários da Bahia - APUB - cuja formação dar-se-á anos mais tarde. Dessa vivência, ficou na memória de muitos a atitude digna desse professor, assumida à frente da comissão de inquérito, criada para apontar subversivos na Universidade, em 1964, quando o Dr. Thales, na companhia dos Profs. Mário Barros e José Silveira, conclui ao final dos trabalhos, pela não existência de supostos subversivos no âmbito da Universidade, preservando, com esta atitude, a integridade da instituição universitária e o direito à livre expressão.

A pós a sua aposentadoria, em 1969, reencontrei o nosso Prof. Thales em 1973-74, num belo e despojado encontro, nos Seminários de Antropologia que o Prof. Pedro Agostinho conduzia, como disciplina regular do Mestrado em Ciências Sociais. Sem dúvida alguma, a presença do Prof. Thales naqueles seminários era um reconhecimento particular à pessoa e ao trabalho do Prof. Pedro Agostinho. Experiência serena e séria, lugar sagrado de encontro de múltiplas gerações, ali tudo era partilhado ombro a ombro, porta aberta. Viu naquele encontro uma possibilidade e juntou-se a nós, brincando: sou aluno de novo. Reaprendi o Mestre. Daí em diante presença-afeto, dignificava cada um de nós nos momentos decisivos de nossa vida acadêmica. Foi público distinto em todas as fases do meu Concurso de Assistente. Leitor cuidadoso da minha Dissertação de Mestrado. E a cada reencontro assinalava-me alguma menção que havia encontrado a respeito do meu trabalho.

Ter tido este Mestre entre nós até os seus quase 91 anos, com sua extraordinária capacidade de se dar pela palavra; com sua probidade, sensibilidade e competência; com sua atitude digna frente às pressões que ameaçavam tolher projetos intelectuais, é uma alegria que marca a renovação da sua presença. A medida de sua vida foi a palavra dita. Com ela consumiu-se e renovou-se num horizonte de possibilidades múltiplas, como professor, pesquisador, diretor e jornalista, testemunha de sua sociedade e cultura. Com ela comparecemos neste reencontro para reconhecer, no ilustre professor, sua soberania plena.